

EDITORIAL

Tomo 1: Espaços

**ou por que isso não é
um dossiê e sim uma antologia?**

Leo Name

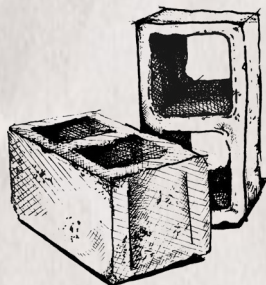
¡DALE!, Universidade Federal da Bahia, Brasil

Adriana Caúla

¡DALE!, Universidade Federal Fluminense, Brasil

Frank Andrew Davies

¡DALE!, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil



Este Editorial tem como tarefas, além de apresentar um resumo de cada um dos treze artigos que a leitora ou o leitor têm à disposição, explicar certas especificidades tanto deste volume da revista **Laje** que os abriga quanto do próximo. Nenhum deles têm como foco textos avulsos aprovados por pareceres às cegas em resposta a submissões em fluxo contínuo, uma prática valorizada por avaliações e indicadores de revistas científicas, mas que leva à fragmentação do conhecimento — e, por isso, evitamos. Também pouco foram elaborados à moda de “dossiês”, “números especiais” ou “edições temáticas” para os quais se abrem chamadas para o recebimento de artigos inéditos e, às vezes, se traduzem de outro idioma alguns textos mais conhecidos de pessoas mais notórias.

O volume que agora se publica e o subsequente, com previsão de lançamento no segundo semestre de 2024, sequer estão sendo chamados, aliás, de “volumes”, mas de “*tomos*”, devido a sua maior extensão. Ambos compõem o que intitulamos como **Antologia Básica: Giro Decolonial em Debate**. Trata-se do resultado de um trabalho conduzido desde janeiro de 2021, quando iniciamos o envio de e-mails que pediam a alguns autores e autoras autorização para a tradução de um ou mais de seus artigos.

Convém contar essa história com mais detalhe.

Na inauguração de nossa **Laje**, no texto de apresentação da revista, Leo Name e Tereza Spyer (2022) relataram o percurso que levou o grupo de pesquisa que lideram — o **iDALE! (Decolonizar a América Latina e seus Espaços)**, com sede na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (FAUFBA) e integrando seu Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPG-AU) — à criação de seu próprio periódico. Destacaram a produção, em 2020, de uma edição temática da **Redo-**

**L
AJE**

v.3 n.1
p. 10-37
2024

ISSN: 2965-4904

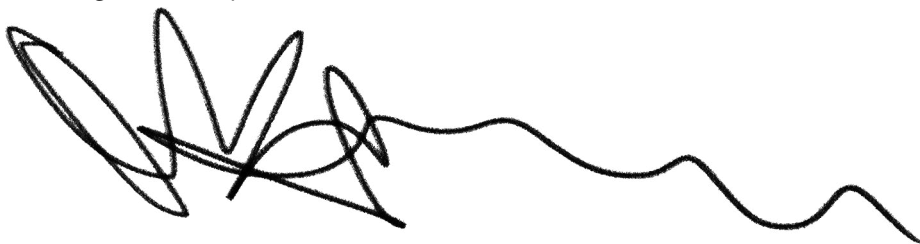
DOI: 10.9771/lj.v3i0.60541

bra, periódico vinculado ao PPG-AU/FAUFBA (NAME; SPYER; CUNHA, 2020) e, no mesmo ano, de dois dossiês para a **Revista Epistemologias do Sul**, da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), lançados com data retroativa (NAME; SPYER; CUNHA, 2019a; 2019b). Os três volumes tinham como tema o giro decolonial e foram montados com bastante autonomia. Tais esforços, com boa recepção no meio acadêmico, fizeram com que o grupo se percebesse auxiliando na discussão mais qualificada de conceitos e temas deste enfoque teórico-epistemológico. Além disso, a colaboração do **iDALE!** com a **Revista Epistemologias do Sul** teve continuidade, resultando na editoração de mais sete números, em cinco dos quais pesquisadoras ou pesquisadores do grupo estiveram à frente da proposição e da organização dos dossiês (OLIVEIRA; SPYER, 2020; SPYER; FÉR; PASCHOAL; RODRIGUES, 2020; SPYER; ORTIZ, 2021; 2022; NAME; NOGUEIRA; VERÍSSIMO, 2022).

Na mesma apresentação, também foi exposta a vontade de que a **Laje** tenha foco na decolonialidade, mas em um "sentido ampliado" que demanda de sua política editorial duas tarefas. A primeira: na medida do possível, "enegrecer" o giro decolonial, dando atenção aos legados de matriz africana e às questões de comunidades afrodescendentes minoritizadas, um imperativo para a tradução da decolonialidade ao Brasil. A segunda, imprescindível a um periódico produzido por um grupo de composição interdisciplinar, mas associado ao campo de arquitetura e urbanismo: o quanto possível, "especializar" o giro decolonial, atuando a contrapelo da negligência a dimensões espaciais em sua literatura, já apontada em escritos recentes (ESCOBAR; VERÍSSIMO, 2020; FARRÉS DELGADO; CUNHA; NAME; 2020; GUTIÉRREZ BORRERO; NAME; CUNHA, 2020; NAME, 2021; FARRÉS DELGADO, 2023).

Passos na direção da primeira empreitada foram dados com os três primeiros números da **Laje**, que compunham o **Dossiê: Cidades Africanas** (VERÍSSIMO; PENA; VAZ, 2022; 2023a; 2023b), intencionado a um mais que necessário desvio da atenção do **iDALE!** à África e à sua diáspora. O conjunto continha quarenta e cinco contribuições de cinquenta e nove intelectuais de dezoito nações em quatro dos cinco continentes: do todo, onze eram nascidos em países africanos (África do Sul, Angola, Gana, Libéria, Moçambique e Nigéria) e trinta e um no Brasil.

A caminhada de nossa revista rumo à atenção ao espaço na abordagem decolonial, por sua vez, começa agora. Mas... Por que chamar o novo conjunto de textos, em dois tomos, de "*antologia*"? Por que não utilizar novamente o termo "dossiê"?



Por um lado, "dossiê" vem do francês "*dossier*", uma variação do latim "*dorsum*" ("costas"), aludindo a arquivo ou pasta de documentos utilizados como prova e que têm um rótulo ou uma etiqueta em sua parte traseira. No mundo acadêmico, então, refere-se a um ou mais volumes de um periódico científico que reúnam textos sob um "rótulo", o tema — que contrariando a etimologia, se anuncia na frente, na capa — de que se "provará" relevância. Parece ter sido adequado, portanto, chamar de dossiê os três volumes sobre cidades africanas. Afinal, o pouco conhecimento da temática pela pesquisa *mainstream* no campo de arquitetura e urbanismo, no Brasil, exigiu que sua editora e seus editores "provassem" sua pertinência e importância em outras paisagens acadêmicas. Apostaram, para isso, em questões do momento (em ensaios visuais e artigos inéditos, além de entrevistas com líderes de movimentos sociais) e na consagração de referências (em traduções e resenhas de textos "notáveis" e entrevistas com "experts").

Por outro lado, e de acordo com a pesquisadora brasileira Silvana Serrani (2008a; 2008b), "coletânea" e "antologia" são sinônimos: vêm do grego e se referem, respectivamente, à coleta e à escolha de flores — ou textos. Foi a partir da maior circulação de livros impressos, na Europa, a partir do século XVIII, que os termos passaram a pretensamente se referir a produtos editoriais diferentes: a coletânea é uma "compilação" (uma pilhagem de textos!) feita por livreiros que apostam em novidades, ao passo que a antologia é uma compilação de outro tipo, organizada por editores ilustres e com a função de educar em determinados temas a partir do estudo aprofundado dos textos que agrupa, já considerados fundamentais. A autora destaca, porém, que a validação de um conjunto de textos como antologia depende, na verdade, de sua circulação, dos efeitos na memória pelo conteúdo selecionado e do prestígio adquirido por quem o organiza, assina ou traduz. Dito de outro modo, uma desprezível compilação pode no curso dos anos alcançar um estatuto antológico devido à qualidade percebida em seu conjunto e ao prestígio dos nomes que reúne; e uma outra, apresentada com pompa e circunstância como essencialíssima, pode convidar a leituras desconexas ou superficiais e jamais ser reconhecida como antologia pelo público e pela crítica (ver também: MUJICA, 1997; BENEDICT, 2001; 2003).

Diferenciar quaisquer conjuntos de textos exige, pois, analisar as intenções de quem os edita e suas condições específicas de produção, circulação e recepção ao longo do tempo. Particularmente com relação aos textos que compilamos, o que podemos dizer — sob o risco de futuros juízos divergentes de outrem — é que para

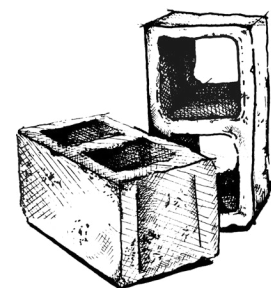
nós merecem ser lidos. Também é importante esclarecer alguns de nossos princípios em sua seleção e na organização em dois tomos.

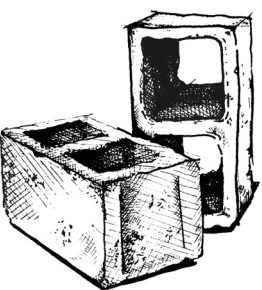
Devido à aceleradíssima popularização do vocabulário decolonial no Brasil, nos últimos anos, não têm sido raros os usos indevidos e excessivos de seus conceitos e as classificações enganosas de autoras e autores. São exemplos chamar de “colonialidade” qualquer opressão, não se atendo à ideia de “raça” como seu elemento geo-historicamente estruturante; ou colar a etiqueta de “decolonial” em intelectual ou artista apenas por não terem peles brancas e até mesmo quando suas trajetórias são anteriores à criação de tal denominação (cf. NAME; SPYER, 2023). Frente a esse cenário, temos o intuito, como na definição de antologia, de apresentar um conjunto coeso de textos que dê chances a uma compreensão mais acurada das potencialidades do giro decolonial e, também, de algumas de suas fragilidades. Por essa razão, não nos interessamos por textos inéditos, mas por escritos já publicados em diferentes momentos e que nos parecem bases, mais ou menos sólidas, para quem se aventure a debater o giro decolonial — e, diga-se, este tem sido um exercício cada vez mais frequente de validação acadêmica, não é mesmo?

E é por isso que nossa compilação se chama **Antologia Básica: Giro Decolonial em Debate!**

Na maioria das vezes, os textos que escolhemos estavam em espanhol, precisando do traslado ao português pelo trabalho árduo de pessoal profissional ou principiante, coordenado com excelência por Larissa Fostinone Locoselli, Bruna Otani Ribeiro e sua equipe do **Laboratório de Tradução da Unila**, a quem agradecemos imensamente. Todas as traduções de todos os textos nesse idioma, feitas para este **Tomo 1: Espaços**, receberam de uma dessas pesquisadoras uma última revisão, ao passo que termos técnicos ou acadêmicos tiveram uma conferência final de Leo Name, o editor-chefe do periódico. Quanto aos dois únicos textos-fonte em língua inglesa, os traduzimos e revisamos a partir de colaborações voluntárias, muita boa vontade e alguma cara-de-pau!

Os mesmos fluxos de tradução e revisão correm na finalização do **Tomo 2: Epistemologias**. A premissa para a escolha de textos neste tomo por vir foi a possibilidade de se delinear caminhos e ramificações do conhecimento que ajudaram a definir os rumos do debate decolonial, destacando-se, por isso, intelectuais (ou seus críticos) mais conhecidos: **Aníbal Quijano, Arturo Escobar, Catherine Walsh, Daniel Inclán, David F. L. Gomes, Enrique Dussel, José Guadalupe Gandarilla Salgado, María Haydeé**





García Bravo, Pablo Quintero, Ramón Grosfoguel, Santiago Castro-Gómez, Walter D. Mignolo e Zulma Palermo. Seu detalhamento será realizado na oportunidade de seu lançamento, em editorial próprio.

No presente **Tomo 1: Espaços**, por sua vez, quisemos possibilitar discussões sobre a já mencionada lacuna da dimensão espacial no giro decolonial. Para isso, a partir de uma pesquisa cuidadosa, pinçamos textos — o mais antigo é de 1999 e o mais recente é de 2022 — que, para nós, auxiliam na elucidação sobre espacialidades inerentes à produção de colonialidades e às possibilidades de desprendimento e de abertura a decolonialidades, ou que trazem reflexões sobre o espaço em alguma medida repercutidas no pensamento decolonial. É importante assinalar que a escassez de análises espaciais, na abordagem, impediu que a totalidade de textos deste tomo fosse assinada por intelectuais que possamos intitular, de fato, “decoloniais”. Como efeito, uma mais que bem-vinda passagem por abordagens circunvizinhas ao giro decolonial adensou a proposta. Pontuamos, além disso, que a referência a “espaços”, no tomo, é propositadamente genérica, sem quaisquer adjetivações ou apostos, para que venha a ser no desbravamento dos textos que a leitora ou o leitor se percebam conduzindo-se da escala da produção de objetos às da cidade e do globo, da natureza como fonte material e por vezes espiritual da produção da vida a conceitos-chave como os de território, rede, lugar e paisagem (cf. CASTRO; GOMES; CORREA, [1995] 2001; SOUZA, 2013).

Finalmente, vale a pena informar que a descrição de cada um dos textos que fazem parte deste **Tomo 1: Espaços**, subsequentemente, objetiva melhores entendimentos sobre a produção decolonial, sobre quem assina cada texto, se faz parte dos principais nomes do “giro”, teve ou não contato com intelectuais decoloniais, se esteve ou está no centro ou à margem de suas formulações, ou se as tangencia, complementa ou confronta.

Vamos começar?

O texto que abre o **Tomo 1: Espaços** da **Antologia Básica: Giro Decolonial em Debate** é **Descolonizando o design**, de **Madina Tlostanova**, pesquisadora decolonial russa e professora da Universidade de Linköping, na Suécia. O artigo, originalmente publicado em inglês, em 2017, no periódico *Design Philosophy Papers*, foi traduzido por Adriana Caúla, pesquisadora do **iDALE!** e professora da Universidade Federal Fluminense. Em seu ensaio, Tlostanova defende que o design é uma ferramenta ontológica, à semelhança de proposições como as do designer australiano Tony Fry e dos teóricos

decoloniais colombianos Arturo Escobar e Alfredo Gutiérrez Borrero — os dois últimos, aliás, com textos neste tomo da antologia. Nessa direção, ela coteja as noções de “design ontológico” e “desfuturização” (FRY, 2011; 2017) com a de “pluriversalidade”, do vocabulário decolonial (MIGNOLO, 2007; ESCOBAR, 2016). Como resultado, expõe a encruzilhada em que convivem possibilidades negativas e positivas do design.

Vale lembrar que Tlostanova possui trabalhos em coautoria com o semiólogo decolonial argentino Walter Mignolo que traduzem o conceito de colonialidade a contextos e espaços tanto da Eurásia quanto das Américas, resultando na noção de “colonialidade global” (TLOSTANOVA; MIGNOLO, 2009; 2012). Não por acaso, portanto, os exemplos trazidos por ela, no artigo, têm ampla abrangência espacial. São ferramentas de design ontológico negativo as utopias universalistas modernas, especialmente as que resultaram nos ambientes comunais ideais desenhados por construtivistas soviéticos, através dos quais também, segundo a autora, se desenhava “um ser humano perfeito, que é forçado a ser feliz a partir de certa forma prescrita”. São positivas, por sua vez, o ameríndio *sumak kawsay* (ou *buen vivir*, na tradução ao espanhol), a Democracia Terrestre de Vandana Shiva (ligada ao conceito indiano de *vasudhaiva kutum-bakam*) e os movimentos locais eurásianos orientados a ecosofias. Por fim, Tlostanova destaca as possibilidades do design se converter a uma ferramenta decolonial que, através de meios estéticos, venha em auxílio a movimentos políticos, ressaltando a necessidade de sua infiltração em processos contemporâneos desfuturizantes, por mais utópico que isso pareça.

Em **A produção da vida na América Latina e no Caribe e sua relação com o design e outros campos afins: sobre desprender, desobedecer e descolonizar**, seguem discutindo em perspectiva decolonial a relação entre design e espaço os brasileiros **Pamela Cordeiro Marques Correa** e **André Luiz Carvalho Cardoso** — ela é pesquisadora do **iDALE!** e ambos estão na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Originalmente publicado tanto em espanhol quanto em inglês na revista *Diseña*, em 2022, sua versão em português, da própria dupla, até agora era inédita. Ao longo do texto, as palavras “desprender”, “desobedecer” e “descolonizar” são tratadas como operadores analíticos que, a partir de bases marxistas e da *doble crítica* dos sociólogos Agustín Laó-Montez e Jorge Daniel Vásquez (2018), respectivamente de nacionalidades porto-riquenha e equatoriana, fundamentam uma análise da produção da vida enquanto produção da materialidade de grupos subalternos nos espaços urbanos. Na via do “desprender”, a dupla se movimenta entre as vertentes do pensamento social latino-americano e caribenho que se opuseram à imposição da modernidade ocidental.



Quanto ao “desobedecer”, evidencia a necessidade de uma virada ontoepistemológica e, partindo das ideias de “desprendimento” e “desobediência epistêmica”, de Mignolo ([2014] 2017), apresenta a gambiarra brasileira e seus equivalentes em outros espaços da América Latina e do Caribe como exemplos de “design espontâneo periférico” (MARQUES CORREA, 2019), “design re-existência” (ALBÁN ACHINTE, 2013) ou “encantaria” (SIMAS, 2019). Finalmente, Marques Correa e Cardoso acionam o debate sobre “pedagogias decoloniais” (WALSH, 2013) para encerrar o artigo apontando caminhos para o “descolonizar”.

Também refletindo sobre a dimensão ontológica e a descolonização do design, **Precedência, Terra e o Antropoceno: descolonizando o design** foi originalmente publicado em língua inglesa, em 2017, no periódico *Design Philosophy Papers*. Assina o artigo o teórico decolonial mexicano **Rolando Vázquez**, cuja trajetória inclui — além de textos que põem estéticas, pedagogias e gênero sob lentes decoloniais (VÁZQUEZ; MIGNOLO, 2013; CHÁVEZ; VÁZQUEZ, 2017; MIGNOLO; VÁZQUEZ, 2017; VÁZQUEZ, 2018) — a docência na Universidade Roosevelt, em Midelburgo, uma cidade central na história da escravidão holandesa. Lá, ele criou, em 2010, com Mignolo e em parceria com a Universidade de Duke, nos Estados Unidos, a Escola Decolonial de Verão, por muito tempo um importante ponto de encontro de ativistas e intelectuais com interesse na abordagem. Atualmente, ele é professor na Universidade de Utreque, nos Países Baixos.

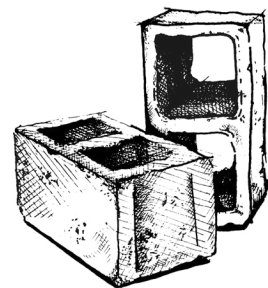
No artigo, traduzido ao português, por uma indicação do próprio autor, por Gabriel Salvi Philipson e Lua Gill da Cruz, ambos da Universidade Estadual de Campinas, Vázquez aponta que a modernidade “mundifica” o mundo como artifício enquanto a colonialidade aniquila os mundos relacionais. Sendo assim, o decolonial torna-se uma esperança radical para uma vida mais ética com a Terra (o precedente fundante de todo e qualquer mundo). É através de uma sequência de eventos históricos que o autor considera decisivos, tanto para a relação que a modernidade/colonialidade tem com a Terra quanto para a perda de mundos relacionais, que o autor expõe o rumo do atual estágio do antropocentrismo ao “desterramento”, à “desmundização” e à “desfuturização” (FRY, 2017). No entanto, ele cadencia seu texto com a inserção provocativa de possibilidades do design se direcionar à esperança e à relacionalidade, ressaltando a necessidade de descolonizar esse campo do conhecimento mediante uma transformação de suas relações com o mundo. Também apresenta uma proposta de design relacional como “terranidade” e “mundanidade” e encerra o artigo delineando as possíveis armadilhas de tais processos.


O quarto e último texto abordando dimensões espaciais do design e sua relação com a decolonialidade é **Compluridades e multi-suis: design com outros nomes e intenções**, do pesquisador colombiano **Alfredo Gutiérrez Borrero**, da Universidade de Bogotá Jorge Tadeo Lozano, na Colômbia. Traduzido do espanhol ao português por Leo Name, líder do **iDALE!** e pesquisador do PPG-AU/FAUFBA, foi originalmente publicado em 2016, no livro *Diseñar hoy: hacia una dimensión más humana del diseño*, que reúne o material apresentado em um encontro científico realizado, em 2014, na Faculdade de Design da Universidade de Azuay, em Cuenca, no Equador.

Os textos de Gutiérrez Borrero costumam alinhar-se às “epistemologias do sul” (SANTOS; MENESES, 2010) e à literatura decolonial, particularmente ao trabalho de Escobar (2016). Centram-se, também, na crítica às dinâmicas de materialização que consideram o design industrial de matriz ocidental o pináculo de todas as expressões da humanidade, assim como na etimologia e na invenção de palavras que, segundo o autor, evocam, naturalizam ou tensionam modos de vida, visões de mundo e “mundificações” (GUTIÉRREZ BORRERO, [2015] 2020; GUTIÉRREZ BORRERO; NAME; CUNHA, 2020).

No artigo em foco, seus pontos de partida são os questionamentos da idealização da comunidade como unidade e da evocação no mais das vezes genérica de um único sul, ainda que global — daí os neologismos “compluridades” e “multi-suis”, no título. Além disso, Gutiérrez Borrero reflete sobre mais duas questões: o “sul do design”, referindo-se aos espaços considerados inferiores quando os mapas cartesianos foram criados; e o “design dos suis”, modo de pensar que valoriza perspectivas e realidades de um sem-número de espaços subalternizados — digamos, mais “policardinais”. Para isso, citando de vídeos do YouTube a verbetes da Wikipédia, do *buen vivir* e do *ñande reko* a uma variedade de intelectuais, noções e referências, ele questiona o jargão profissional que determina “sonhar muito e dormir pouco” e, portanto, “trabalhar sem descanso, privando-se de horas de sono para conseguir realizar seus sonhos ou visões”. Observando, então, pessoas que dormem nos transportes coletivos, as imagina sonhando com “um reservatório de rebeldias” e, assim, assinala a urgência de “confrontar os preceitos do produtivismo e da produtividade e abrir espaço à letargia natural”. O autor questiona, também, as ideias de “projeto” e “produto”, entendendo-as como ligadas à prerrogativa de um futuro único e idealizado, e exige, contrapontisticamente, um aqui e agora reconstruído para toda a diversidade existente, capaz de moldar futuros-outros através do cuidado.

Aprofundando o debate sobre o *buen vivir*, feito de modo mais breve por Tlostanova e Gutiérrez Borrero, **Cosmovivência andina: viver e conviver em harmonia integral**





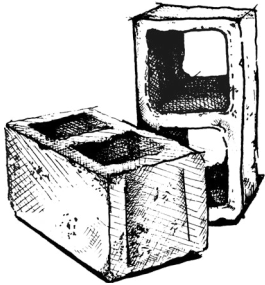
— **Suma Qamaña** é um texto do sociólogo aimará e boliviano **Simón Yampara Huarachi**. O texto-fonte, em espanhol, é uma transcrição de uma conferência proferida em Pittsburgh, nos Estados Unidos, em 2011 e, no mesmo ano, publicada na *Revista de Estudios Bolivianos* — sua conversão ao português é de Maricélia Nunes dos Santos, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Reconhecemos que Yampara Huarachi, participante ativo no processo da nova constituição boliviana de 2009 — que ao menos em tese garantiu o estado plurinacional e a autonomia indígena —, não deve ser rotulado como um teórico decolonial. Também sabemos que o *buen vivir* é uma construção em disputa entre intelectualidades e movimentos sociais (VANHULST; BELING, 2013; CUBILLO-GUEVARA; HIDALGO-CAPITÁN; DOMÍNGUEZ-GÓMEZ, 2014), comumente enunciada, na Bolívia, como *vivir bien* e *suma qamaña*. Sua inserção na antologia reflete, pois, nosso desejo de também abordar os entornos da decolonialidade, uma vez que parte de sua intelectualidade se insere nesse debate. Contudo, propositadamente escolhemos um artigo de uma liderança indígena, cuja argumentação, se tem proximidade com o desenho de mundos-outros que se pleiteia nos textos anteriores sobre design, tem sido contrária a enfoques, inclusive decoloniais, que apresentam o *buen vivir* ou *vivir bien* como exemplo de interculturalidade ou alternativa ao desenvolvimento (YAMPARA HUARACHI, 2004; 2009; WALSH, 2008; 2010; ESCOBAR, 2011; QUIJANO, 2014).

No texto em questão, Yampara Huarachi parte de epistemologias aimarás, quéchuas e qullanas para descrever formas de vivência e convivência após o contato colonial. Ele diferencia “*pachakuti*” de “mudança”: a primeira das palavras, aimará, associa “*pacha*”, que reflete a condição de dupla força, energia, a “*kuti*”, que nos fala de reviravolta, retorno, ou seja, trata de uma natureza mais complexa de transformações. Afirmar, por isso, ser importante entender que as mudanças políticas que àquele momento ocorriam na Bolívia não refletiam alterações profundas da ordem vigente, já que mantinham, na transição da direita à esquerda, um sistema de valores civilizatórios que não teria enfrentado os problemas mais fundamentais da vida comum. Sobre a cultura aimará, ele exalta sua capacidade de convivência — a que chama de “cosmovivência”, em contraste à “cosmovisão” ocidental — e reconhece tanto as estratégias indígenas de camuflagem (fingir-se ocidental, em prol da sobrevivência) quanto o uso de pedras, memórias, toponímias e têxteis como fontes de conhecimento. Menciona, por fim, a semelhança superficial entre o *suma qamaña* e o “socialismo comunitário”, mas ressalta as especificidades andinas ausentes no último. O final do artigo nos brinda com um mais que interessante glossário de palavras em aimará.

O texto seguinte é a **Declaração de Mama Quta Titikaka — Mobilização Global em Defesa da Mãe Terra e dos Povos!**, traduzido por Maria Clara Rodrigues Arbex, da Unila, a partir de sua publicação em uma coletânea de escritos feministas, de 2014: *Tejiendo de otro modo: feminismo, epistemología y apuestas descoloniales en Abya Yala*, organizada pela filósofa dominicana Yuderkys Espinosa Miñoso, a antropóloga colombiana Diana Gómez Correa, atualmente Vice-Ministra das Mulheres no Ministério da Igualdade e Equidade em seu país, e a socióloga mexicana Karina Ochoa Muñoz. O documento, originalmente em espanhol, é o resultado das discussões durante a Paqarina Maior do Lago Mama Quta Tikaka, que aconteceu em 2009, no Peru, e contou com mais de seis mil representantes de povos indígenas originários de vinte e dois países da "Abya Yala" — toponímia usada no lugar de "América", que na língua do povo kuna, originário do norte da Colômbia e atualmente vivendo na costa caribenha do Panamá, significa "terra madura", "terra viva" ou "terra em florescimento". O encontro contou também com a presença de outros povos da África, dos Estados Unidos, do Canadá e de outras partes do mundo. Considerando a "profunda crise da civilização ocidental capitalista" — delineada, na antologia, nos artigos anteriores sobre design —, o documento oferece uma alternativa de vida referenciada no *buen vivir*, na construção de estados plurinacionais comunitários e na organização de formas de resistência frente ao modelo socioeconômico em colapso.

Refletindo temas daquele momento que ainda persistem no debate público, a declaração acena para o enfrentamento das mudanças climáticas e a suspensão de tratados de livre comércio, além de respaldar a luta de povos do mundo contra os poderes hegemônicos. Também orienta a construção de uma Coordenadoria de Povos e Nacionalidades Indígenas da Abya Yala, que mantenha sob vigilância organismos internacionais a fim de "superar a sua subordinação ao poder imperial". Não obtendo, indica instituir a Organização de Nações Unidas da Abya Yala e do Mundo, em revisão às estruturas coloniais e a partir do movimento de baixo para cima. Esclarecemos, mais uma vez, que temos ciência de que este não é um documento "decolonial", mas sua presença na antologia consubstancia afinidades, e várias diferenças, da decolonialidade com filosofias indígenas andinas e enfoques comunais.

A biocolonialidade do poder: Amazônia, biodiversidade e ecocapitalismo mantém o foco na relação entre lutas sociais, diversidade de cosmovisões (ou de cosmovivências, se seguirmos Yampara Huarachi) e dimensões ambientais de um capitalismo em colapso, agregando um viés mais antropológico e geográfico à antologia. O texto tem como autor o pesquisador colombiano **Juan Camilo Cajigas-Rotondo**, professor de estudos



culturais na Pontifícia Universidade Javeriana da Colômbia. Traduzido ao português por Karolina Mendes Pata, da Unila, foi publicado pela primeira vez, em espanhol, em 2007, como um capítulo da antológica coletânea *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*, organizada pelo filósofo colombiano Santiago Castro-Gómez e o sociólogo porto-riquenho Ramón Grosfoguel.

O autor elabora as noções de “colonialidade da natureza” e, mais especificamente, de “biocolonialidade do poder”, levando à ecologia política o conceito do sociólogo peruano Aníbal Quijano em textos como “Colonialidad y modernidad/racionalidad” (1992) e “¡Qué tal raza!” (1999).¹ Além disso, salienta o quanto as dimensões nefastas da colonialidade mais relacionadas aos mundos naturais são legitimadas por critérios objetivistas e cientificistas. Traz, ainda, uma cartografia cognitiva estruturada em dois conjuntos conflitivos de narrativas da biodiversidade: os discursos sobre “escassez” e sobre “abundância”, que corroboram tanto as relações de subordinação quanto as de resistência e articulação levadas a cabo não apenas pelo Estado, por organizações não governamentais e multinacionais, mas também por comunidades amazônicas. Ao final, ele propõe o diálogo entre as diferentes ecosofias locais e os conhecimentos científicos ocidentais, favorecendo a continuidade das primeiras em adaptação às transformações dos últimos.

É importante ressaltar que Cajigas-Rotondo, desde o início de seu artigo, estabelece vínculo com a “modernidade/colonialidade”, citando “Mundos y conocimientos de otro modo: el programa de investigación de modernidad/colonialidad latino-americano”.² Este é o texto no qual Escobar (2003) dá nome e esquadrinha o enfoque epistemológico do grupo de pesquisa de que então fazia parte. Além da evidente referência à “colonialidade do poder”, Cajigas-Rotondo também se apropria da dimensão temporal braudeliana que ampara tal conceito, posto que apresenta a biodiversidade, repercutida pela globalização hegemônica, como uma face contemporânea de uma colonialidade de “longa duração”. Também aciona vocabulários foucaultianos e de-leuzianos então em voga, seja abordando a “estrigem” caracterizadora da “sociedade disciplinar”, seja descrevendo o fato de a natureza ter sido “reaxiomatizada” pela “maquinaria” de “tecnologias biopolíticas” que atuam de maneira “rizomática” e “molecular”. Exige, também, “descolonizar o Império” — em óbvia alusão à então badaladíssima obra de Hardt e Negri ([2000] 2010).

Na conclusão, o autor adere a uma “gnose de fronteira” intencionada a uma “ciência pós-ocidental transmoderna”. O primeiro desses termos foi amplamente utilizado por Mignolo, que o alternava com “epistemologia fronteira” e “pensamento fronteira”,

este sendo o que prevaleceu na definição dos conhecimentos situados à margem de epistemologias hegemônicas (MIGNOLO, 1996; [2000] 2003). A superação da modernidade de que trata a “transmodernidade”, por sua vez, já havia recebido a densa argumentação no que talvez seja um dos textos mais citados — e, a nosso ver, subaproveitado — do filósofo decolonial argentino Enrique Dussel ([2000] 2005). Finalmente, no momento de escrita do artigo de Cajigas-Rotondo, intelectuais que depois se notabilizaram como “decoloniais” ainda seguiam a moda acadêmica das abordagens “pós”, batizando como “pós-ocidental” a ruptura epistemológica que pretendiam realizar. Este é o caso, mais uma vez, de Mignolo, em textos como “Espacios geográficos y localizaciones epistemológicas: la 'ratio' entre la localización geográfica y la subalternización de conocimientos”³ ([1997] 2015), entre outros (e.g.: MIGNOLO, 1996; 1998).

Lido nos dias de hoje, o artigo selecionado revela-se um potente cruzamento de referenciais teóricos, exemplar de um momento de transição acadêmica, quando conceitos que mais tarde formaram o ferramental da decolonialidade estavam por construir e o “giro decolonial” era abordagem ainda por denominar e estabelecer. Tais tarefas foram facilitadas pela supracitada coletânea de Castro-Gómez e Grosfoguel, particularmente influente no meio acadêmico latino-americano e hispanofalante de Cajigas-Rotondo — que, aliás, se manteve no cruzamento de abordagens, mais recentemente tratando das relações entre cultura, natureza e subjetividade não só a partir de conceitos decoloniais e deleuzianos, mas também dos vieses da cosmopolítica e do giro multiespécies (CAJIGAS-ROTONDO, 2017; 2018; 2020).

Enfatizando o enfoque geográfico e os diferentes entendimentos de território, o texto **Geografia das ausências: as negações das ontologias territoriais e as disputas pela reterritorialização do estar-sendo** evidencia as possibilidades de debate entre tal área do conhecimento e o giro decolonial. Trata-se de uma versão inédita, estendida, de um artigo publicado em 2019 na revista *Utopía y Práxis Latinoamericana* — e que foi traduzida do espanhol para o português por Jéssica Caroline Pessoa dos Santos, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e Leo Name. Assinam-no **José Angel Quintero-Weir**, pesquisador venezuelano e membro do povo añú, que é professor de literatura e cultura indígena na Universidade Autónoma Indígena, na Colômbia, e da Universidade do Zúlia, na Venezuela; e os geógrafos chilenos **Pablo Mansilla-Quiñones** e **Andrés Moreira-Muñoz**, pesquisadores da Pontifícia Universidade Católica de Valparaíso, no Chile. O primeiro tem em seu currículo trabalhos sobre o “sentipensar”, a educação e as territorialidades indígenas, especialmente das comunidades na bacia do Lago de

Maracaibo, em seu país (QUINTERO-WEIR, 2011; 2016; 2019). O segundo tem defendido a descolonização dos saberes geográficos, transitando por entre as geografias urbana e rural e a cartografia social, com destaque para os territórios mapuches da região centro-sul chilena (MANSILLA-QUIÑONES, 2021; 2024; MANSILLA-QUIÑONES; IMILAN-OJEDA, 2020). O último vem empreendendo esforços em uma pesquisa que integra as geografias física e humana e debatendo, inclusive com Mansilla-Quiñones, o giro multiespécies e a conservação da paisagem (MANRÍQUEZ-TIRADO; MANSILLA-QUIÑONES; MOREIRA-MUÑOZ, 2019; VENEGAS-ESPINOZA; MOREIRA-MUÑOZ; MANSILLA-QUIÑONES, 2022).

Unindo suas singularidades e aproximando-as da decolonialidade, o trio muito recentemente publicou um trabalho sobre "geonarrativas decoloniais" (QUINTERO-WEIR; MANSILLA-QUIÑONES; MOREIRA-MUÑOZ, 2023). Em direção similar, o artigo selecionado para a antologia parte de suas pesquisas participativas junto a povos originários para pensar como os territórios se integram ao repertório desses agentes, e também os constituem — uma questão que, segundo os autores, deve ser considerada em processos e projetos de descolonização. O trio defronta a "colonialidade do estar", sua variação espacial do conceito quijariano, com o que chama de "geografia das ausências", inspirado pela "sociologia das ausências" (SANTOS, 2002). Assim, ao considerar que a colonialidade do estar aponta a experiência de habitar um mundo produzido sob representações moderno-coloniais que se articulam e dão forma à geografia das ausências, os autores explicitam a pouquíssima atenção dada pela literatura decolonial às dimensões espaciais — e que, como já abordamos no início deste Editorial, motivou a temática deste tomo da antologia. Assinalam, também, o descaso da disciplina geográfica, centrada em saberes norte-atlânticos, com relação ao conhecimento sobre o espaço produzido fora das universidades e, sobretudo, do eixo entre a Europa Ocidental e os Estados Unidos. Lembrem, além disso, que até mesmo a chamada "geografia crítica" inúmeras vezes tratou diferentes sociedades, grupos, comunidades e seus territórios nas chaves da invisibilidade ou da inferioridade.

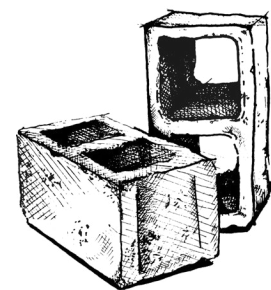
Diante dessas questões, o trio defende que os conhecimentos geográficos produzidos na América Latina, disciplinares ou não, merecem ser conhecidos e submetidos ao debate crítico. Defende, ainda, que as ciências sociais e os estudos decoloniais devem passar por giros territoriais que venham a constituir sua revisão, reconhecendo as territorialidades e os territórios como inerentes às lutas populares, inclusive àquelas voltadas à descolonização. Na parte final do artigo, os autores debatem as possibilidades de uma "geografia das presenças", que restitua a visibilidade a que ou a quem

foram definidos como ausentes pela razão moderno-capitalista-colonial-patriarcal das ciências, assim a contestando.

Gênero, redes e lugar: uma ecologia política da cibercultura é de autoria do antropólogo colombiano **Arturo Escobar**, já mencionado neste Editorial, simultaneamente publicado em espanhol e inglês, em 1999. Corresponde tanto a um capítulo do livro *El final del salvaje: naturaleza, cultura y política en la antropología contemporánea*, uma compilação de artigos do autor organizada pelo Instituto Colombiano de Antropologia e História, quanto a um dos textos na coletânea *Women@Internet: creating new cultures in cyberspace*, organizada pela pesquisadora australiana Wendy Harcourt. Levada a cabo por María Camila Ortiz, da Unila, a tradução ao português tomou como base o texto em espanhol, mas algumas vezes a versão em língua inglesa precisou ser consultada no processo de revisão final.

Na primeira parte do artigo, Escobar discute as novas tecnologias de informação e comunicação (NTICs), suas redes e seus fluxos, bem como os riscos e as tendências da cibercultura, repercutidos no debate intelectual da época. Em um segundo momento, aponta os aspectos que ele considera subestimados na literatura sobre o assunto, como a centralidade do lugar na configuração das lutas políticas através das redes cibernéticas e o papel de mulheres, ambientalistas e movimentos sociais do Terceiro Mundo nos movimentos antiglobalização — destacando, inclusive, o peso que têm as diversidades cultural e ecológica na promoção de novos modos de saber, ser e fazer no ciberespaço. A última parte do artigo explora os avanços e os limites da interseção entre atores políticos e novas tecnologias, assumindo a complexa composição de formas de natureza e cultura na tessitura dessas redes. Para o autor, a questão que emerge do debate é que tipos de redes possibilitam sustentar o mosaico do que ele chama de “lugares locais” (“*local places*”) e que diretrizes podem emergir das práticas sociais e biológicas que articulam natureza, cultura, tecnologia e lugar.

Vale a pena resgatar o cenário intelectual daquele fim de milênio em que Escobar ainda escrevia não pertencendo ao grupo modernidade/colonialidade. Nas ciências sociais, tinham imensa preponderância tanto análises da “compressão espaço-tempo” (HARVEY, [1989] 1992), caracterizadora de uma pós-modernidade emergente, quanto elucubrações a respeito dos efeitos da globalização que, ao se impor à “escala local”, deixaria sequelas à “vida comum”, aos lugares e às culturas (HARVEY, 1993; ORTIZ, 1994; DREIFUSS, 1996; MASSEY, [1991] 2000; [1999] 2007; KUMAR, [1995] 2006). As NTICs, não à toa, eram um objeto de estudo um tanto fetichizado por uma literatura que ora descrevia a internet como um mundo imaterial em oposição ao “real”, ora



anunciava como inevitáveis consequências da desterritorialização a homogeneização dos lugares e até mesmo a morte da geografia (GRAHAM, 1988; AUGÉ, [1992] 1994; CAIRNCROSS, 1997; CASTELLS, [1996] 1999, p. 467-521; MORGAN, 2004).

A decisão por selecionar um texto de Escobar em meio a esses debates se apoia em ao menos três motivos. Primeiro: o autor parece perceber, no artigo, que boa parte daqueles escritos sobre globalização tanto naturalizava o discurso neoliberal sobre inescapáveis fluxos conduzidos por forças econômicas ubíquas quanto abraçava certo determinismo tecnológico e por vezes adotava uma linguagem de base *colonial*: o ciberespaço como “novo mundo a ser descoberto” e todo o globo como “nova fronteira a ser explorada”, por exemplo (GUNKEL; GUNKEL, 1997; WARF, 2001). Segundo: seu estudo se situa entre um momento de antes, quando ele já havia descortinado narrativas e intenções por trás da categoria “desenvolvimento” e da toponímia “Terceiro Mundo”, com influência sobre a geopolítica e a economia mundiais (ESCOBAR, 1995); e de depois, quando o autor e seus pares decoloniais migram da análise da globalização/capitalismo para o exame da modernidade/colonialidade — uma troca de termos que até hoje recebe críticas (e.g. MAKARAN; GAUSSENS, 2020). Terceiro: no ensaio, o entendimento de Escobar sobre o efeito das redes cibernéticas sobre a realidade e sua potencial utilização por movimentos sociais prenuncia seu debate, na atualidade, a respeito das possibilidades do design como ferramenta ontológica e em auxílio à autonomia de diferentes coletivos em luta — com especial destaque para suas “estratégias subalternas de localização”, usualmente entre as preocupações do autor (ESCOBAR, [2001] 2005; 2016).

Passamos a rumar por uma análise de espaços do passado com o artigo **Cidades de Sísifo: urbanismo colonial e contingência**. Assina-o **Rodrigo Castro Orellana**, filósofo chileno e professor titular da Universidade Complutense de Madrid, na Espanha, cujos trabalhos têm como foco principal a obra de Michel Foucault — ele é, inclusive, fundador e diretor executivo da Rede Ibero-Americana Foucault, diretor da *Dorsal: Revista de Estudios Foucaultianos* e coeditor do periódico *Foucault Studies*. Dedicou-se, além disso, ao debate sobre filosofias latino-americanas, teorias pós-coloniais, o pensamento utópico e as cidades ideais (CASTRO ORELLANA, 2010; 2014; 2017; 2019). Selecionamos este texto — publicado originalmente em espanhol, em 2016, na *Revista de Estudios Avanzados*, e traduzido ao português por Gilmei Francisco Fleck e Hugo Eliecer Dorado Mendez, ambos da Unioeste —, por um lado por nos conduzir a um desvio no debate, devido a sua análise *contrária* às conhecidas formulações de Dussel (1994) sobre a racionalidade moderna. Por outro lado, porque a crítica de

Castro Orellana dá centralidade ao espaço que é o tema deste primeiro tomo, mais especificamente, ao processo de fundação das cidades coloniais na América.

O autor ressalta, no texto, que Dussel introduz uma distinção entre uma primeira modernidade, identificada com o *ethos* cristão e centrada na colonização das Américas por Portugal e Espanha; e uma segunda modernidade que, desde o auge das novas potências como a Holanda, a Inglaterra ou a França, progressivamente institui o pensamento iluminista e sua valorização da razão em detrimento da fé. A segunda modernidade seria, então, uma extensão natural da primeira, já que no entendimento dusseliano ambas fazem parte do mesmo processo de expansão da Europa e da imposição de seus designios. Assim, diz-nos Castro Orellana, a cidade colonial, particularmente a hispano-americana que repetidamente utilizou a quadricula regular, torna-se "o primeiro marco de um processo de racionalização unilateral orientado à consolidação de um poder imperial sem contrapesos" e reverberando na urbanização colonial.

Analisando, porém, as várias transferências de sede das cidades de colonização espanhola de um lugar a outro, Castro Orellana problematiza a vinculação redutora da *tabula rasa* a suas fundações. Desse modo, ele desafia a ideia de um poder colonial universal e permanente, apontando que a repetição de uma solução urbana anterior, no contexto colonial de fatores imprevistos como eventos naturais extremos e a interação com indígenas, era uma tentativa de reprodução das realidades urbanas e sociais já estabelecidas, impulsionada tanto por vulnerabilidades e precariedades da experiência colonizadora quanto por vontades de prover às populações a sensação de estabilidade. Por essa razão, o autor finaliza sua explanação com uma crítica contundente às teorizações "dependentes de uma ideia de história que estabelece a existência de um poder hegemônico, totalizante e excludente, e sua continuidade desde o passado colonial hispânico até o nosso presente". Uma delas, segundo ele, é o giro decolonial.

O passado continua em foco, convertido à dimensão de legados materiais e imateriais a preservar, em **Arqueologia, paisagem e patrimônio: da colonialidade à decolonialidade das práticas**. Tendo como autor o antropólogo argentino **Rafael Pedro Curtoni**, pesquisador da Universidade Nacional do Centro da Província de Buenos Aires, o texto é uma versão modificada — e, portanto, inédita — de um artigo seu de 2010, publicado no periódico *Códice: Boletín Científico y Cultural del Museo Universitario*. Sua conversão ao português foi feita por Ariane Fagundes Braga, pesquisadora do **iDALE!** e da Universidade Federal de Santa Maria. Curtoni tem conduzido, em seus trabalhos, uma discussão sobre as dimensões políticas da arqueologia, particularmen-



te no que diz respeito à relação entre o patrimônio imaterial indígena e a paisagem. Mais recentemente, ele vem trazendo aportes da epistemologia decolonial para tais debates (CURTONI, 2004; 2009; 2022).

No texto selecionado, o autor argumenta que os conceitos de paisagem, patrimônio e arqueologia não apenas denotam uma origem moderna, ocidental e europeia, mas também representam uma perspectiva atrelada a uma ideologia de classe, formulada em dado momento. Por um lado, a visão que serve de base a esse pensamento tem origem na separação cartesiana entre mente e corpo, ainda no Renascimento, que por sua vez estabelece uma concepção de paisagem como exterioridade, uma realidade objetificada e passível de medição. Por outro lado, a arqueologia se estrutura por distinções entre especialistas e não especialistas, em reforço à produção de alteridades e com base em uma ideia de civilização que reverbera na própria noção de patrimônio — segundo ele, "um construto ocidental no qual prevalecem critérios de autenticidade e de valorização, estabelecidos a partir da academia".

Sendo assim, a despeito de contribuições teóricas mais atuais que consideram os variados significados dos lugares para diferentes grupos sociais, ao longo do tempo, Curtoni diz que ainda é um desafio analítico a superação da ideia da paisagem como mera abstração externa e passiva. Para a reversão de tal quadro conceitual limitante, ele sugere que "a superação da colonialidade do conhecimento exige um posicionamento ético-político que, simultaneamente, inicie um processo de descolonização disciplinar". Como conclusão, afirma que as práticas em auxílio a tal empreendimento são aquelas capazes de ampliar os formatos acadêmicos e seus pressupostos, em diálogos abertos com outros agentes e grupos sociais. Assim, obter um conhecimento situado em arqueologia, paisagem e patrimônio exige, pois, práticas não eurocêntricas, que não tenham como base "o racionalismo científico e asséptico da modernidade liberal".

Seguimos com mais um texto sobre patrimônio, com **Diálogos com a colonialidade: os limites do patrimônio em contextos de subalternidade**, traduzido ao português por Nathália Guerreschi, da Unila. O texto-fonte, em espanhol, é de 2018, publicado na revista *Persona & Sociedad*. Suas autoras são as antropólogas argentinas **Mónica Lacarrieu** e **Soledad Laborde**, ambas da Universidade de Buenos Aires e com trabalhos que se embasam na teoria decolonial para debater o modo como se manifestam, na capital argentina, a imigração, a luta por reconhecimento de comunidades indígenas e afrodescendentes, a questão patrimonial e o turismo, por exemplo (LACARRIEU, 2016; LABORDE, 2020; 2021; LACARRIEU; BRACCO, 2023).

No artigo em questão, elas põem em relevo os processos complexos produzidos por sujeitos e grupos sociais que, em movimento, "fazem patrimônio" na contramão do referencial estático das instituições, ainda fixadas à associação direta da nação a um território precisamente delineado. Consideram, então, que a colonialidade também incide no patrimônio cultural, para elas um recurso do modelo eurocêntrico de pensamento. Assim, partem do debate internacional a respeito de ações patrimoniais na região latino-americana, com atenção às tensões nos processos de patrimonialização imaterial. Especificamente, comentam que os chamados "tambores de *candombe*", prática cultural de Buenos Aires, mantêm intacta a categoria do "étnico" como estabelecadora da produção local de diferenças culturais — e, por conseguinte, da subalternização do que foge ao ideal branco de progresso. Tal condição, segundo elas, também é reproduzida pelos próprios grupos subalternizados que praticam o *candombe* — a saber, comunidades negras locais e de imigrantes afro-uruguayos —, que enunciam, na disputa da identidade cultural da capital argentina, um "legado afro" reduzido às dimensões estética e cultural. Frente a isso, Lacarrieu e Laborde finalizam seu estudo assinalando o quão difícil é reorientar o campo do patrimônio, uma vez que o mesmo tem em si um enraizado racismo epistêmico.

O último texto deste primeiro tomo da antologia é **Dialogar com Quijano: a colonialidade como categoria para compreender o ambiente construído no sistema-mundo moderno/colonial**. Publicado em espanhol, em 2019, na *Revista de Sociología*, foi traduzido ao português por Ana Lis da Silva e Silva, da Unila. Assina-o **Yasser Farrés Delgado**, um arquiteto cubano radicado na Colômbia e professor da Universidade São Tomás, em Villavicencio. Há um pouco mais de uma década, ele vem traduzindo o conceito de colonialidade do poder, formulado por Quijano (1992) com base na economia política e na sociologia, às dimensões espaciais do território, da cidade e da arquitetura (FARRÉS DELGADO, 2013; [2016] 2020; FARRÉS DELGADO; MATARÁN RUIZ, 2012; [2014] 2021). No ensaio selecionado, ele apresenta, então, a tríade das colonialidades do poder, do ser e do saber, associando-as ao que vem definindo como "colonialidade territorial". O autor também traz outras construções teóricas apresentadas sob a apresentação do estado da arte de pesquisas e estudos sobre a dimensão espacial da colonialidade, incluindo as escalas da produção da natureza e da arquitetura. Farrés Delgado finaliza o trabalho exaltando, dentre as inesgotáveis possibilidades abertas por Quijano e sua proposição analítica da ordem mundial moderno-colonial, a oportunidade de reavaliação do papel de epistemologias-outras na reconfiguração dos espaços de vida e de suas relações.

Escolhemos tal ensaio para encerrar o **Tomo 1: Espaços** por mais enfática e diretamente trazer o debate decolonial para o campo de arquitetura e urbanismo em que se inserem nossa revista e nosso grupo de pesquisa — ainda que sob o diálogo interdisciplinar que abraçam. Além disso, porque ao debater o conceito de colonialidade, relacionando-o a outros contextos e dimensões, Farrés Delgado nos auxilia a estabelecer uma ponte com o vindouro **Tomo 2: Epistemologias**.

Finalizamos este Editorial desejando que este primeiro tomo da **Antologia Básica: Giro Decolonial em Debate** de fato auxilie leitoras e leitores a conhecerem mais e melhor a literatura decolonial e demais escritos que com ela mantêm diálogo. Também torcemos para que nosso trabalho possa inspirar outras iniciativas de produção autônoma do conhecimento, como a nossa.

Boa leitura!

Notas

1 Estes dois textos de Aníbal Quijano foram selecionados pela equipe editorial da **Laje** e traduzidos para o português para compor o próximo número do periódico, que corresponderá ao **Tomo 2: Epistemologias da Antologia Básica: Giro Decolonial em Debate**, com previsão de lançamento no segundo semestre de 2024. Os títulos em português são respectivamente “Colonialidade e modernidade/racionalidade” e “Ô, raça!”. Cf. Quijano ([1992] 2024a; [1999] 2024b).

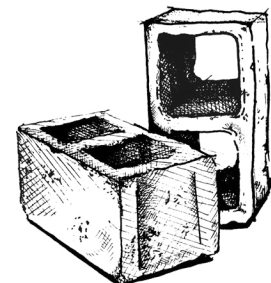
2 Tal artigo de Arturo Escobar também foi selecionado pela equipe editorial da **Laje**, sendo traduzido ao português, sob o título “Mundos e conhecimentos de outro modo: o Programa Latino-Americano de Pesquisa Modernidade/Colonialidade”. Irá compor o próximo número da revista, o

Tomo 2: Epistemologias da Antologia Básica: Giro Decolonial em Debate, com previsão de lançamento até o final deste ano. Cf. Escobar ([2003] 2024).

3 Este texto de Walter D. Mignolo é mais um dos que receberam tradução para o português e, sob o título “Espaços geográficos e localizações epistemológicas: a relação entre localização geográfica e subalternização de conhecimentos”, fará parte do próximo número da revista **Laje**. Trata-se do **Tomo 2: Epistemologias da Antologia Básica: Giro Decolonial em Debate**, com lançamento previsto ainda em 2024. Cf. Mignolo ([1997] 2024).



Referências



ALBÁN ACHINTE, A. Pedagogías de la re-existencia. Artistas indígenas y afrocolombianos. In: WALSH, C. (org.). **Pedagogías Decoloniales**. Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir e (re)vivir, Tomo 1. Quito: Editorial Abya-Yala, 2013, p. 443-468.

AUGÉ, M. **Não lugares**. Campinas: Papirus, (1992) 1994.

BENEDICT, B. M. The eighteenth-century anthology and the construction of the expert reader. **Poetics**, v. 28, n. 5-6, p. 377-397, 2001.

BENEDICT, B. M. The paradox of the anthology: collecting and difference in eighteenth-century Britain. **New Literary History**, v. 34, n. 2, p. 231-256, 2003.

CAIRNCROSS, F. **The death of distance**. Boston: Harvard Business School Press, 1997.

CAJIGAS-ROTUNDO, J. C. La biocolonialidad del poder. Amazonía, biodiversidad y ecocapitalismo. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSFOGUEL, R. (org.). **El giro decolonial**: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores/Universidad Central/Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos/Pontificia Universidad Javeriana/Instituto Pensar, 2007, p. 169-194.

CAJIGAS-ROTUNDO, J. C. Ontoepistemologías indígenas. **Tabula Rasa**, n. 26, p. 123-139, 2017.

CAJIGAS-ROTUNDO, J. C. Cuerpo-Axè: Una cartografía afectiva de la capoeira angola en Colombia. **Brújula**: Revista Interdisciplinaria sobre Estudios Latinoamericanos, n. 12, p. 80-107, 2018.

CAJIGAS-ROTUNDO, J. C. Enredos telúricos: geo-ontologías y geo-poéticas de la tierra. In: ECHEVERRI, A. P. N. (org.). **Polifonías geo-ético-poéticas del habitar-sur**. Manizales: Universidad Nacional de Colombia, Centro editorial Facultad de Administración, 2020, p. 167-195.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, (1996) 1999, v. 1.

CASTRO, I. E. GOMES, P. C. C.; CORREA, R. L. (org.). **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand (1995) 2001.

CASTRO ORELLANA, R. Ciudades ideales, ciudades sin futuro. El porvenir de la utopía. **Daimon Revista Internacional de Filosofía**, p. 135-144, 2010.

CASTRO ORELLANA, R. Foucault y el debate postcolonial. Historia de una recepción problemática. **Quadranti**: Rivista Internazionale di Filosofia Contemporanea, v. 2, n. 1, p. 216-249, 2014.

CASTRO ORELLANA, R. Ciudades de Sísifo. Urbanismo colonial y contingencia. **Estudios Avanzados**, n. 26, p. 114-129, 2016.

CASTRO ORELLANA, R. Foucault y la resistencia. Una gramática del concepto. **Contrastes. Revista Internacional de Filosofía**, v. 22, n. 1, p. 45-63, 2017.

CASTRO ORELLANA, R. Apuntes críticos sobre el concepto de hegemonía en Dussel y Laclau. **Alpha**: Revista de Artes, Letras y Filosofía, n. 48, p. 123-137, 2019.

CHÁVEZ, D. B.; VÁZQUEZ, R. Precedence, trans* and the decolonial. **Angelaki**, v. 22, n. 2, p. 39-45, 2017.

CUBILLO-GUEVARA, A. P.; HIDALGO-CAPITÁN, A. L.; DOMÍNGUEZ-GÓMEZ, J. A. El pensamiento sobre el Buen Vivir. Entre el indigenismo, el socialismo y el posdesarrollismo. **Revista del CLAD Reforma y Democracia**, n. 60, p. 27-58, 2014.

CURTONI, R. P. La dimensión política de la arqueología: el patrimonio indígena y la construcción del pasado. In: MARTÍNEZ, G.; GUTIERREZ, M. A.; CURTONI, R.; BARÓN, M.; MADRID, P. (org.). **Aproximaciones contemporáneas a la Arqueología pampeana**. Perspectivas teóricas, metodológicas, analíticas y casos de estudio. Olavarría: UNCPBA, 2004, p. 437-449.

CURTONI, R. Arqueología, paisaje y pensamiento decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica. In: BARBERENA, R.; BORRAZZO, K.; BORRERO, L. A. (org.). **Perspectivas Actuales en Arqueología Argentina**. Buenos Aires: IMHICIHU, 2009, p. 15-31.

CURTONI, R. P. Paisaje, Patrimonio y Arqueología: de la Colonialidad a la Decolonialidad de la práctica. Reflexiones desde Sudamérica. **Código**: Boletín Científico y Cultural del

- Museo Universitario, v. 11, n. 21, p. 42-49, 2010.
- CURTONI, R. P. La restitución de cuerpos indígenas y la colonialidad de la ancestralidad. **Revista TEFROS**, v. 20, n. 1, p. 59-78, 2022.
- DREIFUSS, R. A. **A época das perplexidades**. Mundialização, Globalização e Planetarização: Novos Desafios. Petrópolis: Vozes, 1996.
- DUSSEL, E. **1492: El encubrimiento del Otro**. Hacia el origen del "mito de la Modernidad". La Paz: Plural, 1994.
- DUSSEL, E. Europa, modernidade e eurocentrismo. In: LANDER, E. (org.). **A colonialidade do saber**. Eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, (2000) 2005, p. 55-70.
- ESCOBAR, A. **Encountering Development: The Making and Unmaking of the Third World**. Princeton: Princeton University Press, 1995.
- ESCOBAR, A. Gender, place and networks. A political ecology of cyberculture. In: HARCOURT, W. (org.). **Women@Internet**. Creating New Cultures in Cyberspace. London: Zed Books, 1999a.
- ESCOBAR, A. Género, redes y lugar: una ecología política de la cibercultura. In: **El final del salvaje: naturaleza, cultura y política en la antropología contemporánea**. Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología e Historia, 1999b, p. 353-381.
- ESCOBAR, A. Mundos y conocimientos de otro modo. El Programa de Investigación de Modernidad/Colonialidad Latinoamericano. **Tabula Rasa**, n. 1, p. 51-86, 2003.
- ESCOBAR, A. La cultura habita en lugares: reflexiones sobre el globalismo y las estrategias subalternas de localización. In: **Más allá del Tercer Mundo**. Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología e Historia, (2001) 2005, p. 157-193.
- ESCOBAR, A. Una minga para el posdesarrollo. **Signo y Pensamiento**, v. 30, n. 58, p. 278-284, 2011.
- ESCOBAR, A. **Autonomía y diseño**. La realización de lo comunal. Popayán: Universidad del Cauca, 2016.
- ESCOBAR, A. Mundos e conhecimentos de outro modo. O Programa Latino-Americano de Pesquisa Modernidade/Colonialidade. **Laje** (Antologia Básica: Giro Decolonial em Debate, Tomo 2: Epistemologias), v. 3, n. 2, (2003) 2024 (no prelo).
- ESCOBAR, A. VERÍSSIMO, C. Projeto/ar como a cura da vida. **Redobra**, v. 6, n. 15, p. 51-58, 2020.
- FARRÉS DELGADO, Y. **Críticas decoloniales a la arquitectura, el urbanismo y la ordenación del territorio: hacia una territorialización de ambientes humanos en Cuba**. 2013. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Planejamento do Território). Granada: Universidade de Granada, 2013.
- FARRÉS DELGADO, Y. Dialogar con Quijano: la colonialidad como categoría para comprender el ambiente construido en el sistema-mundo moderno/colonial. **Revista de Sociología**, n. 28, p. 49-64, 2019.
- FARRÉS DELGADO, Y. Arquitetura e decolonialidade: algumas ideias sobre a Escola de Artes Plásticas de Ricardo Porro. **Redobra**, v. 6, n. 15, p. 289-316, (2015) 2020.
- FARRÉS DELGADO, Y. La dimensión espacial de la colonialidad: una propuesta interpretativa y otras voces ignoradas. **Revista VIRUS**, v. 26, n. 1, 2023.
- FARRÉS DELGADO, Y.; CUNHA, G. R.; NAME, L. Por um diálogo latino-americano sobre colonialidade, arquitetura e urbanismo. **Redobra**, v. 6, n. 15, p. 87-107, 2020.
- FARRÉS DELGADO, Y.; MATARÁN RUIZ, A. Colonialidad territorial, para analizar a Foucault en el marco de la desterritorialización. **Tabula Rasa**, n. 16, p. 139-159, 2012.
- FARRÉS DELGADO, Y.; MATARÁN RUIZ, A. Rumo a uma teoria urbana transmoderna e decolonial: uma introdução. **Revista Territorial**, v. 10, n. 1, p. 94-117, (2014) 2021.
- FRY, T. **Design as Politics**. Oxford, New York: Berg, 2011.
- FRY, T. Design for/by 'the Global South'. **Design Philosophy Papers**, v. 15, n. 1, 2017.
- GRAHAM, S. The end of geography or the explosion of place? Conceptualizing space, place and information technology. **Progress in Human Geography**, v. 22, n. 2, p. 168-185, 1998.

- GUNKEL, D.J.; GUNKEL, A.H. Virtual geographies: the New Worlds of cyberspace. **Cultural Studies in Mass Communication**, n. 14, p. 123-137, 1997.
- GUTIÉRREZ BORRERO, A. Compluridades y multisures: diseño con otros nombres e intenciones. In: **Diseñar Hoy**. Hacia una dimensión más humana del diseño. Cuenca: Universidad del Azuay, 2016, p. 61-86.
- GUTIÉRREZ BORRERO, A. Ressurgimentos: suis como desenhos e desenhos-outros. **Redobra**, v. 6, n. 15, p. 265-288, 2020.
- GUTIÉRREZ BORRERO, A.; NAME, L.; CUNHA, G. R. Desenhos-outros: da hegemonia ao giro decolonial e dos desenhos do sul aos "dessocons". **Redobra**, v. 6, n. 15, p. 59-86, 2020.
- HARDT, M.; NEGRI, A. **Império**. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record (2000) 2010.
- HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, (1989) 1992.
- HARVEY, D. From space to place and back again: reflections on the condition of post-modernity. In: BIRD, J.; CURTIS, B.; PUTNAM, T.; ROBERTSON, G.; TICKNER, L. (org.). **Mapping the futures**. London: Routledge, 1993, p. 291-326.
- KUMAR, K. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna**. Novas teorias sobre o mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., (1995) 2006.
- LABORDE, S. Hacer ciudad: la lucha de la Asociación de Mujeres Afrodescendientes de Avellaneda. **Cuestión Urbana**, n. 8-9, p. 121-135, 2020.
- LABORDE, S. Hacer ciudad y ciudadanía en la "Buenos Aires blanca". **Encrucijadas**: Revista Crítica de Ciencias Sociales, v. 21, n. 1, p. 1-10, 2021.
- LACARRIEU, M. B. La alteridad y el exotismo en clave patrimonial turística. Aportaciones de la antropología. **Quaderns**, n. 32, p. 123-143, 2016.
- LACARRIEU, M.; BRACCO, M. G. Resistencias estéticas a la colonialidad urbana en Buenos Aires. ¿Nuevas formas de decolonialidad? **Revista INVI**, v. 38, n. 107, p. 49-75, 2023.
- LACARRIEU, M.; LABORDE, S. Diálogos con la colonialidad: los límites del patrimonio en contextos de subalternidad. **Persona y Sociedad**, v. 32, n. 1, p. 11-38, 2018.
- LAÓ-MONTES, A.; VÁSQUEZ, J. D. Crítica decolonial de la filosofía y doble crítica en clave de Sur. In: MORANA, M. (org.). **Sujeto, decolonización, transmodernidad: debates filosóficos latinoamericanos**. Madrid: Vervuert Verlagsgesellschaft, 2018, p. 293-344.
- MAKARAN, G.; GAUSSENS, P. Autopsia de una impostura intelectual. In: MAKARAN, G.; GAUSSENS, P. (orgs.). **Piel blanca, máscaras negras**: crítica de la razón decolonial. México: UNAM, 2020, p. 9-43.
- MANRÍQUEZ TIRADO, H.; MANSILLA QUIÑONES, P.; MOREIRA MUÑOZ, A. Hacia una conservación integrada del paisaje biogeocultural de Atacama. **Diálogo Andino**, n. 60, p. 141-152, 2019.
- MANSILLA-QUIÑONES, P. Descolonizando el mapa: marcando presencias y ausencias geográficas en cartografías de re-existencia. In: CATTANEO, D.; CÁMARA, M. A.; SILVEIRA, R. F. (org.). **Geografía das Re-existências**. Ponta Grossa: Monstro dos Mares, 2021.
- MANSILLA-QUIÑONES, P. Saberes territoriales de los pueblos originarios y prácticas de descolonización epistémica de la geografía. **ACME: An International Journal for Critical Geographies**, v. 23, n. 1, p. 35-45, 2024.
- MANSILLA-QUIÑONES, P.; IMILAN-OJEDA, W. Colonialidad del poder, desarrollo urbano y desposesión mapuche: urbanización de tierras mapuche en la Araucanía chilena. **Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, v. 24, 2020.
- MANSILLA-QUIÑONES, P.; QUINTERO-WEIR, J.; MOREIRA-MUÑOZ, A. Geografía de las ausencias, colonialidad del estar y el territorio como sustantivo crítico en las epistemologías del Sur. **Utopía y Praxis Latinoamericana**, v. 24, n. 86, p. 148-161, 2019.
- MARQUES CORREA, P. C. **Desobediência tecnológica e gambiarra**: o design espontâneo periférico como caminho para outros futuros. 2019. Dissertação (Mestrado em Design) – Universidade de Brasília, Brasília, 2019.
- MARQUES CORREA, P. C.; CARDOSO, A. L. C. La producción de vida en América Latina y el Caribe y su relación con el diseño y otros campos afines: Sobre el desprendimiento, la

desobediencia y la descolonización. **Diseña**, n. 21, 2022a.

MARQUES CORREA, P. C.; CARDOSO, A. L. C. The Production of Life in Latin America and the Caribbean and its Relation to Design and other Related Fields: About Delinking, Disobeying, and Decolonizing. **Diseña**, n. 21, 2022b.

MASSEY, D. Um sentido global de lugar. In: ARANTES, A. A. (org.). **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, (1991) 2000, p. 176-185.

MASSEY, D. Imaginando a globalização: geometrias de poder do tempo-espaço. **Revista Discente Expressões Geográficas**, n. 3, p. 142-155, (1999) 2007.

MIGNOLO, W. D. Posoccidentalismo: las epistemologías fronterizas y el dilema de los estudios (latinoamericanos) de área. **Revista Iberoamericana**, V. 68, N. 200, p. 679-696, 1996.

MIGNOLO, W. D. Postoccidentalismo: el argumento desde América Latina. **Cuadernos Americanos**, v. 67, n. 1, p. 143-165, 1998.

MIGNOLO, W. D. **Historias locales/diseños globales**. Colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo. Madrid: Akal, (2000) 2003.

MIGNOLO, W. D. Delinking: The rhetoric of modernity, the logic of coloniality and the grammar of de-coloniality. **Cultural Studies**, v. 21, n. 2-3, p. 449-514, 2007.

MIGNOLO, W. D. Espacios geográficos y localizaciones epistemológicas: la 'ratio' entre la localización geográfica y la subalternización de conocimientos. In: CARBALLO, F.; HERRERA ROBLES, L. A. (org.) **Habitar la frontera**. Sentir y pensar la descolonialidad (Antología, 1999-2014). Barcelona: Cidob, (1997) 2015, p. 117-139.

MIGNOLO, W. D. Desafios decoloniais hoje. **Revista Epistemologias do Sul**, v. 1, n. 1, p. 12-32, (2014) 2017.

MIGNOLO, W. D. Espaços geográficos e localizações epistemológicas: a relação entre a localização geográfica e a subalternização de conhecimentos. **Laje** (Antologia Básica: Giro Decolonial em Debate, Tomo 2: Epistemologias), v. 3, n. 2, (1997) 2024 (no prelo).

MIGNOLO, W. D.; VÁZQUEZ, R. Pedagogía y (de) colonialidad. **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Quito: Abya-Yala, Tomo 2, 2017, p. 489-508.

MORGAN, K. The exaggerated death of geography: learning, proximity and territorial innovation systems. **Journal of Economic Geography**, v. 4, n. 1, p. 3-21, 2004.

MUJICA, B. Teaching literature: Canon, controversy, and the literary anthology. **Hispania**, p. 203-215, 1997.

NAME, L. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões espaciais básicas em arquitetura. **PosFAUUSP**, São Paulo, v. 28, n. 52, e168263, 2021.

NAME, L.; NOGUEIRA, R. C.; VERÍSSIMO, C. (org.). **Revista Epistemologias do Sul** (Dossiê: Paisagens e Paisagismos do Sul), v. 6, n. 2, 2022.

NAME, L. SPYER, T. Apresentação da revista Laje: ou quando um grupo de pesquisa decide tomar as rédeas de sua própria produção de conhecimento. **Laje**, v. 1, n. 1, p. 9-23, 2022. .

NAME, L. SPYER, T. Às vezes é feio, mas tá na moda! Potências, adições e limites decoloniais. **Revista VIRUS**, v. 26, n. 1, 2023.

NAME, L.; SPYER, T.; CUNHA, G. R. (org.). **Revista Epistemologias do Sul** (Dossiê: Giro Decolonial. Parte 1: Artes visuais, arquiteturas e alteridades), v. 3, n. 1, 2019a.

NAME, L.; SPYER, T.; CUNHA, G. R. (org.). **Revista Epistemologias do Sul** (Dossiê: Giro Decolonial. Parte 2: Gênero, raça, classe e geopolítica do conhecimento), v. 3, n. 2, 2019b.

NAME, L.; SPYER, T.; CUNHA, G. R. (org.). **Redobra** (Edição Temática: Insurgências Decoloniais), v. 6, n. 15, 2020.

OLIVEIRA, M. J.; SPYER, T. (org.). **Revista Epistemologias do Sul** (Dossiê: Corpos e sujeito na/modernidade), v. 4, n. 1, 2020.

ORTIZ, R. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, (1994) 2003.

PUEBLOS INDÍGENAS ORIGINARIOS DEL ABYA YALA, Pueblos Hermanos de África, Estados Unidos,



- Canadá, Círculo Polar y Otras Partes Del Mundo, y Observadores de Diversos Movimientos Sociales. Declaración de Mama Quta Titikaka ¡12 al 16 de Octubre Movilización global en Defensa de la Madre Tierra y los Pueblos! In: ESPINOSA MIÑOSO, Y.; GÓMEZ CORREAL, D.; OCHOA MUÑOZ, K. (org.). **Tejiendo de otro modo: Feminismo, epistemología y apuestas descoloniales en Abya Yala**. Popayán: Editorial Universidad del Cauca, 2014, p. 407-411.
- QUIJANO, A. Colonialidad y modernidad/racionalidad. **Perú Indígena**, v. 13, p. 11-29, 1992.
- QUIJANO, A. ¡Qué tal raza! **Ecuador Debate**, n. 48, p. 141-151, 1999.
- QUIJANO, A. "Bien vivir": entre el "desarrollo" y la des/colonialidad del poder. In: QUIJANO, A. (org.). **Des/colonialidad y bien vivir**. Un nuevo debate en América Latina. Lima: Universidad Ricardo Editorial Universitaria, 2014, p. 19-33.
- QUIJANO, A. Colonialidade e modernidade/racionalidade. **Laje** (Antología Básica: Giro Decolonial em Debate, Tomo 2: Epistemologias), v. 3, n. 2, (1992) 2024a (no prelo).
- QUIJANO, A. Ô, raça! **Laje** (Antología Básica: Giro Decolonial em Debate, Tomo 2: Epistemologias), v. 3, n. 2, (1999) 2024b (no prelo).
- QUINTERO-WEIR, J. A. Wopukarü jatumi wataawai: el camino hacia nuestro propio saber. Reflexiones para la construcción autónoma de la educación indígena. **Utopía y Praxis Latinoamericana**, n. 54, p. 93-116, 2011.
- QUINTERO-WEIR, J. A. El Sentipensar añuu y sus palabras claves. En torno a la configuración añuu de su sentipensar. **Revista Cedotic**, v. 1, n. 1, p. 92-113, 2016.
- QUINTERO-WEIR, J. A. **Fazer comunidade: notas sobre território e territorialidade a partir do sentipensar indígena na bacia do Lago de Maracaibo, Venezuela**. Porto Alegre: Deriva, 2019.
- QUINTERO-WEIR, J.; MANSILLA-QUIÑONES, P.; MOREIRA-MUÑOZ, A. The exile of Juyá: decolonial geonarratives of water. **GeoHumanities**, v. 9, n. 1, p. 24-44, 2023.
- SANTOS, B. S. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 63, p. 237-280, 2002.
- SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (org.). **Epistemologias do sul**. Coimbra: Almedina, 2009.
- SERRANI, S. Antologias, discurso e memória cultural: o dialogismo em compilações bilíngues de poesia argentina. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, v. 17, n. 1, p. 51-66, 2008a.
- SERRANI, S. Antologia: escrita compilada, discurso e capital simbólico. **Alea: Estudos Neolatinos**, v. 10, p. 270-287, 2008b.
- SIMAS, L. A. **O corpo encantado das ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- SOUZA, M. L. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2013.
- SPYER, T.; FÉR, E. M.; PASCHOAL, C. V.; RODRIGUES, S. (org.). **Revista Epistemologias do Sul** (Dossiê: Cineclubes Cinelatinos), v. 4, n. 2, 2020.
- SPYER, T.; ORTIZ, M. C. (org.). **Revista Epistemologias do Sul** (Dossiê: Feminismos latino-americanos - Ativismos e insurgências - Parte 1), v. 5, n. 2, 2021;
- SPYER, T.; ORTIZ, M. C. (org.). **Revista Epistemologias do Sul** (Dossiê: Feminismos latino-americanos - Ativismos e insurgências - Parte 2), v. 6, n. 1, 2022.
- TLOSTANOVA, M. On decolonizing design. **Design Philosophy Papers**, v. 15, n. 1, p. 51-61, 2017.
- TLOSTANOVA, M.; MIGNOLO, W. D. Global coloniality and the decolonial option. **Kult**, v. 6, Special Issue, p. 130-147, 2009.
- TLOSTANOVA, M.; MIGNOLO, W. D. **Learning to unlearn**. Decolonial reflections from Eurasia and the Americas. Columbus: The Ohio State University Press, 2012.
- VANHULST, J.; BELING, A. E. Buen vivir: la irrupción de América Latina en el campo gravitacional del desarrollo sostenible. **Revibec: Revista Iberoamericana de Economía Ecológica**, v. 21, p. 1-14, 2013.
- VÁZQUEZ, R. Precedence, earth and the anthropocene: Decolonizing design. **Design Philosophy Papers**, v. 15, n. 1, p. 77-91, 2017.
- VÁZQUEZ, R. El museo, decolonialidad y el fin

de la contemporaneidad. **Otros Logos: Revista de Estudos Criticos**, v. 9, p. 46-61, 2018.

VÁZQUEZ, R.; MIGNOLO, W. D. Decolonial aestheSis: Colonial wounds/decolonial healings. **Social Text Online**, v. 15, 2013.

VENEGAS-ESPINOZA, F.; MOREIRA-MUÑOZ, A. MANSILLA-QUIÑONES, P. El giro multiespecies: representación geohistórica del puma desde una perspectiva interdisciplinaria (Siglos XVI-XXI). **Diálogo Andino**, n. 67, p. 326-345, 2022.

VERÍSSIMO; C. PENA, J. S.; VAZ, M. J. M. (org.). **Laje** (Dossiê Cidades Africanas – Volume 1: Cidades e arquiteturas na África), v. 1, n. 1, 2022.

VERÍSSIMO; C. PENA, J. S.; VAZ, M. J. M. (org.). **Laje** (Dossiê Cidades Africanas – Volume 2: Cidades e arquiteturas afrodiaspóricas), v. 2, n. 1, 2023a.

VERÍSSIMO; C. PENA, J. S.; VAZ, M. J. M. (org.). **Laje** (Dossiê Cidades Africanas – Volume 3: Cidades, raça e emergências na África e na diáspora), v. 2, n. 2, 2023b.

WALSH, C. Interculturalidad, plurinacionalidad y decolonialidad: las insurgencias político-epistémicas de refundar el Estado. **Tabula Rasa**, n. 9, p. 131-152, 2008.

WALSH, C. Development as Buen Vivir: Institutional arrangements and (de)colonial en-

tanglements. **Development**, v. 53, n. 1, p. 15-21, 2010.

WALSH, C. Introducción. Lo pedagógico y lo decolonial. Entretejiendo caminos. In: WALSH, C. (org.). **Pedagogías Decoloniales. Prácticas Insurgentes de resistir, (re)existir e (re)vivir**, Tomo 1. Quito: Editorial Abya-Yala, 2013, p. 23-68.

WARF, B. Segueways into cyberspace: multiple geographies of the digital divide. **Environment and Planning B**, v. 28, p. 3-19, 2001.

YAMPARA HUARACHI, S. ¿Desarrollo/progreso o suma qamaña de los ayllus andinos? In: BOLSÍ, A. (org.). **¿A dónde vamos?** Progreso en diferentes culturas. Memorias del Foro... La Paz: Fundación Programa de Integración de Educación Productiva (PIEP), La Paz, 2004.

YAMPARA HUARACHI, S. Interculturalidad: ¿encubrimiento o descubrimiento de las matrices civilizatorio-culturales? **ISEES: Inclusión Social y Equidad en la Educación Superior**, n. 4, p. 33-56, 2009.

YAMPARA HUARACHI, S. Cosmovivencia andina: vivir y convivir en armonía integral – Suma Qamaña. **Revista de Estudios Bolivianos**, n. 18, 2011.

